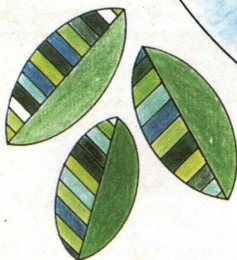
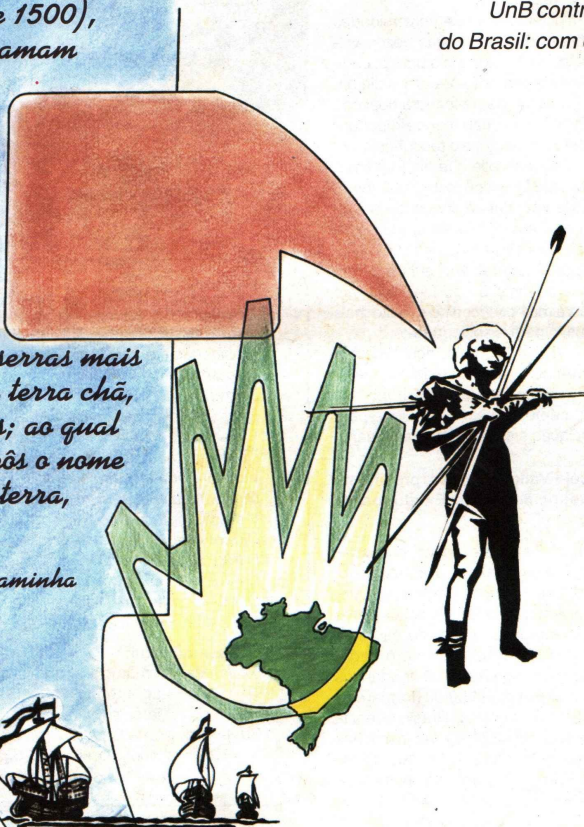


Brasil, 500

E na quarta feira seguinte, pela manhã (22 de abril de 1500), topamos aves a que chamam fura-buchos e, neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra. A saber, primeiramente, de um grande monte, muito alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul dele e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o Capitão pôs o nome de Monte Pascoal e, à terra, Terra de Vera Cruz.

Pero Vaz de Caminha

by labcorp



UnB contribui para a discussão dos 500 anos do Brasil: com debates, música, livros etc. Porque é necessário reescrever a nossa própria história.

Páginas 6 e 7

Entre o dito e o não-dito; entre o gesto e a palavra; entre o olhar e o silêncio: encontro discute linguagem verbal e não-verbal.

Página 3

E mais:

As memórias de Brasília na lente de um fotógrafo e no coração dos candangos: é a mostra do trabalho de Gabriel Gondim, na Biblioteca Central de Brasília.

Página 12



De volta para casa

Associação dos ex-alunos da UnB convida todos os estudantes para um reencontro

A Associação dos Ex-alunos da UnB foi criada em 1984 com finalidade, entre outras, de congregar os ex-alunos da UnB mantendo sua integração à vida acadêmica, científica, política e cultural da Universidade. Com uma fase inicial empolgada, a Associação teve nos últimos anos um período menos ativo. Contudo, as diretorias passadas tiveram o papel de manter a Associação viva. Agora, está assumindo uma nova diretoria, eleita em assembleia geral em 25 de fevereiro.

Esta atual diretoria é composta por associados que, movidos por um novo espírito revitalizante e idealista, resolveram reativar a Associação reformulando-a e preparando-a para os novos paradigmas do próximo século. Dentre os diretores se encontram professores e funcionários da UnB, assim como importantes membros da comunidade do Distrito Federal.

Como benefícios aos associados estão a retirada de livros da Biblioteca Central e do Centro Olímpico da UnB, assim como descontos em livros editados pela Editora da UnB. A diretoria está empreendendo ações para que novos benefícios sejam introduzidos como, por exemplo, descontos em cursos de extensão, uso da internet via Centro de Informática, participação em banco de consultores, etc. Estaremos também promovendo encontros e comemorações com o intuito de aproximar os ex-alunos.

Entretanto, devemos também fazer a relevante pergunta: como pode o ex-aluno ajudar a UnB? A universidade brasileira passa por uma crise de recursos e de identidade neste momento. A situação atual é um reflexo do panorama nacional e, mesmo, mundial. A UnB, embora em situação privilegiada se comparada a outras universidades do País, também passa por momentos difíceis. As soluções para parte dos problemas dependem da criatividade e do esforço conjunto de pro-

fessores, funcionários e alunos. Temos vários excelentes exemplos na UnB de soluções criadas aqui e que estão dando certo. Basta percorrer o campus. Os ex-alunos da UnB são protagonistas da história da instituição e memória viva dos fatos que aqui ocorreram. Com suas experiências profissionais, empresariais, sindicais, governamentais e suas histórias de vida, os ex-alunos têm muito a contribuir para a construção da instituição.

Em diversos países, universidades recebem doações, muitas vezes vultosas, de ex-alunos mais bem sucedidos financeiramente. Vai ser o dia em que a UnB também receberá doações grandes! Porém, não menos importante, neste momento, é o reconhecimento pelo ex-aluno de que ele foi formado por uma UnB conceituada. Elevando cada vez mais o conceito da Universidade, estaremos elevando nosso próprio conceito em nosso meio profissional e cultural. Um cidadão com sua auto-estima e seu idealismo em alta será melhor sucedido e muito mais produtivo para a sociedade.

No dia 14 de maio, acontecerá a **Exunba**, festa de posse da nova diretoria da Associação, às 21 horas, no Restaurante Universitário. Ligue para Associação e saiba como participar.

Marcelo Valle de Sousa, presidente da Associação dos Ex-alunos da UnB.

Serviço - Para se associar, compareça à Associação dos Ex-Alunos, subsolo da Reitoria, Diretoria de Desenvolvimento Social. Os documentos necessários são: cópia do diploma, comprovante de residência, e pagamento de taxa de R\$ 25,00 (formandos depois de 96) ou R\$ 50,00 (formandos até 95), no Banco do Brasil, agência 3603-X, conta 4374851. As inscrições poderão ser feitas pelo fax: (061) 274-6508. Maiores informações pelos telefones (061) 307-2556 e 340-2314.



Eleição da nova diretoria da Associação de Ex-alunos

Conheça a nova Associação

Diretores da Associação dos Ex-alunos

Presidente: Marcelo Valle de Sousa

Vice-presidente: Wilson Wander Lopes

Secretário-geral: Maria do Socorro Mendes Gomes

Diretor administrativo: Rosana Andrea Costa de Castro

Vice-diretor administrativo: Ricardo Bastos Cunha

Diretor financeiro: Carlos Alberto Bandeira de Mello

Vice-diretor financeiro: Maria de Fátima Batista

Diretor técnico-científico: Elenice Seixas Hanna

Vice-diretor técnico científico: Carlos André Ricart

Diretor cultural: Maria da Conceição Moreira Salles

Diretor de articulação institucional: Guairacá Carvão Nunes

Diretor de assuntos acadêmicos: Vadim da Costa Arsky Filho

Diretor de integração: Tania Moreira da Costa

Diretor de comunicação social: Valda Maria de Queiroz

Conselho Fiscal:

Titulares: Vera Lúcia Soares da Silva

Lucila Souto Mayor Rondon de Andrade

Marcelo Malheiros

Suplentes: Maria Cícera Alves da Silva

Carlos Alberto de Souza Correia

José Luiz Ribeiro Gomes

Assessoria de Comunicação Social - Prédio da Reitoria, 3º andar, sala 515 - Campus Darcy Ribeiro - Asa Norte - CEP 70910-900 - Brasília-DF - Tels.: (061) 307-2246/ 2029/2637 - Telefax: (061) 272-2427

Universidade de Brasília - UnB

Reitor: Lauro Morhy

Vice-Reitor: Timothy Mulholland

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: Ana Maria Fernandes

Decano de Ensino de Graduação: Fernando Jorge R. Neves

Decano de Extensão: Dóris Santos de Faria

Decano de Administração e Finanças: Carlos Augusto de São José

Decano de Assuntos Comunitários: Thérèse Hofmann Gatti

Chefe de Gabinete: Luiz Basílio Rossi

Assessoria de Comunicação Social

Chefe da ACS: Valda Quelroz

Telefones: (061) 307-2028 - 912-2487

Editora do UnB Hoje: Gláucia Almeida

Relações Públicas: Shirley Azevedo

Editoração: Maurício Garcia

Apoio Administrativo: Ana Cláudia Almeida, Lúcia Hochreiter, Elizeu

dos Santos, Pedro Jezu, Ornil Júnior, Domingas Reis

UnB Notícias

Editora: Elen Geraldês (22951-DRT/SP)

Editor de Arte: Laleco 2803/87SJP/DF

Repórteres: Vilany Kahrle, Wellington Fonseca, Ana Lúcia Medeiros

Fotos: Renato Marins

Editoração gráfica: Amilton Augusto

Ilustrações: Rosenbergue

Colaboradores: Daniella Cronemberger (bolsista), Cida Gomes e

Fotolito, Impressão e Acabamento: GH Comunicação Gráfica Ltda.

As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores - acs@unb.br - <http://www.unb.br/acs/unb-noticias/arq-lixo/chamada.htm>.

Quando os gestos falam

Encontro de linguagem verbal e não-verbal discute grandes enfoques da área

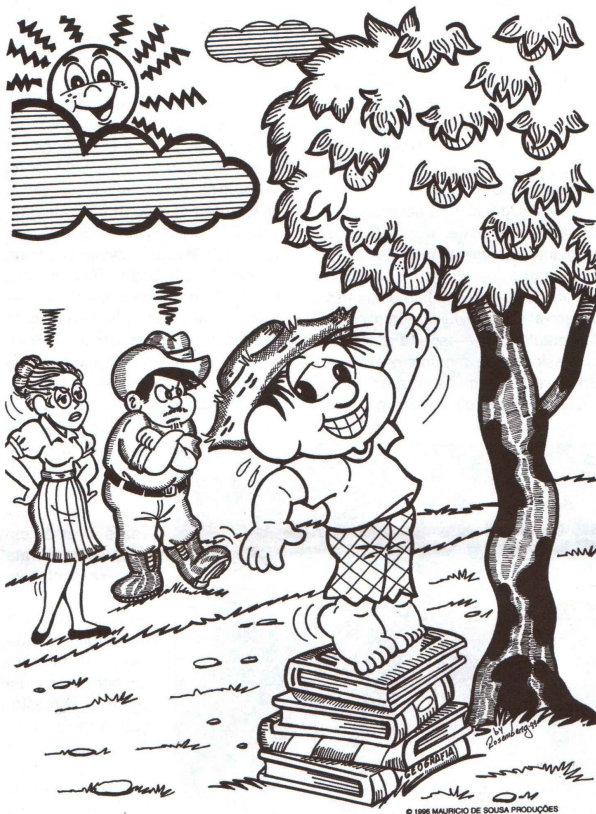
O Chico Bento educa. O personagem da roça criado por Maurício de Sousa tem muito a dizer. A informação pode parecer esdrúxula, especialmente para quem considera nociva a leitura desse personagem. Mas ao refazer uma leitura crítica é possível perceber como são utilizadas as linguagens verbal e não-verbal para caricaturar um personagem do campo. Com uma releitura da linguagem de gibis, do ambiente cultural no qual está inserido o Chico Bento, pode-se compreender como o autor está construindo uma visão ideológica do outro.

Quem defende essa idéia de que o Chico Bento exerce um papel na educação do público-leitor infantil são as pesquisadoras Darcília Simões e Elaine Ferrari, da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – cuja pesquisa “HQ, Chico Bento e a formação do leitor: uma abordagem semiótico-lingüística” foi apresentada no IV Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal: Metodologias Qualitativas, que aconteceu nos últimos dias 22, 23 e 24 de abril, no Auditório da Reitoria da Universidade de Brasília.

Organizado pela Linha de Pesquisa *Discurso e Interação em Contextos Institucionais* do Programa de Pós-graduação em Lingüística da UnB, o encontro reuniu representantes de 19 universidades brasileiras e estrangeiras, além de participantes dos cursos de Antropologia e Lingüística da própria Universidade. Durante os três dias de encontro, professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação expuseram seus trabalhos e realizaram debates. Para a coordenadora do evento, Maria Izabel Magalhães, “o encontro contribuiu para dar visibilidade ao Grupo de Pesquisa de Linguagem e Ideologia, que vem trabalhando na Universidade de Brasília há muitos anos”.

Os temas abordados no encontro foram: a relação pesquisador-pesquisado; identidade, gênero social e etnia na pesquisa; ética, poder e validade; e etnografia e os processos discursivos orais e escritos; trabalhos de campo: entrevistas, diário e histórias de vida; memórias discursivas, textos orais e visuais na pesquisa. O foco das discussões foi Metodologia.

O ponto alto das discussões - Entre os debates participativos destacou-se a mesa redonda “Ética, poder e Validade”, que deu continuidade à discussão iniciada em um seminário realizado na Universidade de Lancaster (UK) em 1994, pela professora Izabel



© 1998 MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES

Magalhães e pelo professor Simon Gieve daquela universidade, e que foi um dos convidados para o encontro em Brasília. Segundo Izabel Magalhães, a discussão sobre ética, poder e validade merece estar sendo retomada porque ela representa um momento importante da história da pesquisa na área da Linguagem.

No século XX, a área foi muito marcada pelo positivismo. Havia uma preocupação em não contaminar os dados e com a objetividade da análise, e a separação de pesquisador e pesquisado. De um lado o nós, de outro lado, ele (o outro). A discussão sobre ética, poder e validade visa a mudar essa maneira de ver o outro. Há uma preocupação com as pessoas, que não devem ser tratadas como objeto. Tradicionalmente quem se beneficia nas pesquisas são os pesquisadores.

Para a professora Izabel Magalhães “é preciso que haja interação entre pesquisador e pesquisado e uma preocupação com o desenvolvimento das

pessoas pesquisadas, ou seja, o conhecimento produzido na pesquisa precisa ser partilhado com a comunidade”.

Polêmica - Um dos pontos polêmicos que revelou a riqueza das discussões geradas no encontro foi a exposição do professor Luiz Antônio Marcusch, do Departamento de Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco. Preocupado com os aspectos metodológicos e em repensar os fundamentos dos estudos na área da Análise da Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal, Marcusch acredita que os métodos qualitativos e quantitativos podem ser utilizados concomitantemente. O importante, segundo ele, é que a pesquisa tenha um bom problema. E explica: “no início do século, havia uma preocupação de que houvesse uma checagem empírica do conhecimento. Hoje, a metodologia não quer mais provar uma hipótese. Hoje se busca o significado do problema. Pode-se até formular uma hipóte-

se, mas o importante é buscar o significado contextualizado”.

Pesquisar, segundo o professor Marcusch, é um processo de construção teórica. Construir uma teoria adequada ao objeto que se estuda. É preciso, em primeiro lugar, definir o que se quer ver, qual a teoria, delimitar o problema e depois forma-se o corpus. Deve-se evitar o descritivismo exagerado e fazer um recorte observacional.

Para Marcusch, a função do pesquisador é estudar o problema a partir de um determinado ângulo teórico. Ele polemiza a discussão quando afirma que o pesquisador deve “compreender o problema de seu objeto de pesquisa e não resolver os problemas do pesquisado”.

O discurso político na TV - O que é um discurso político? Quais os elementos que compõem esse discurso? Essas são algumas perguntas que a professora Célia Ladeira, da Faculdade de Comunicação da UnB, faz para entender como é construído um discurso político e como ele vai ser incorporado a um discurso da TV, que vai ser usado na construção de uma representação de uma identidade nacional feita a partir de um determinado partido político.

Este assunto é parte da tese de doutorado de Célia Ladeira e foi exposto no segundo dia do encontro. Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Célia Ladeira fez Mestrado em Comunicação na UnB, com ênfase na Lingüística. Desenvolveu a dissertação “A Produção dos Sentidos no Telejornalismo”, sob a orientação de Izabel Magalhães. Doutoranda na Universidade de Lancaster, Célia Ladeira é orientada por Norman Fairclough, que trabalha com Análise do Discurso Crítica e Consciência Lingüística Crítica.

O tema da palestra de Célia Ladeira foi “O texto Multi-Modal no Vídeo Político”. O texto é multi-modal quando construído com vários modos. O texto da TV, por exemplo, possui vários elementos: a imagem, a música, a narração (a entonação dada) e o texto falado. Em sua exposição, Célia mostrou como se dá a relação da imagem que está sendo apresentada com o texto que está sendo narrado. Ao observar os textos multi-modais, Célia percebe os significados encontrados nas imagens, nos códigos culturais e sociais que provocam as construções de significados retirados além do que o discurso quer dizer.

Serviço - e-mail: liv@guarany.unb.br.

Para testar o raciocínio

Equipe do Instituto de Psicologia da UnB desenvolve testes de raciocínio infantil

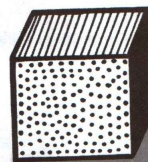
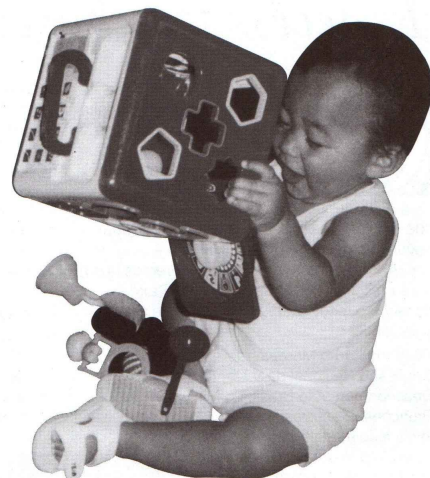
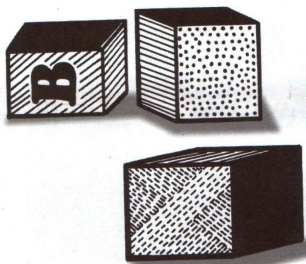
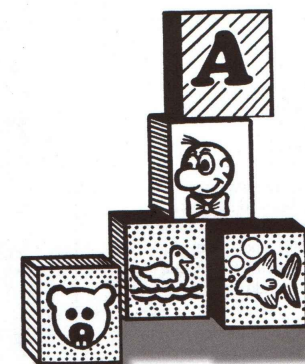
Mais de 900 crianças, entre 5 e 12 anos, de Brasília, Porto Alegre e Ceará, testaram um produto que só a UnB fabrica. Não é brinquedo, embora utilize ícones atraentes aos olhos de qualquer menino ou menina. O TNVRI nasceu no Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida (LabPAM), do Instituto de Psicologia, e em português claro significa Teste Não-Verbal de Raciocínio Infantil. O coordenador científico do laboratório, professor Luiz Pasquali, explica que este teste foi desenvolvido na UnB e que a idéia é estendê-lo a cinco mil crianças em todo o Brasil para verificar o seu raciocínio analógico. Segundo Pasquali, na primeira experiência verificou-se que 80% do universo que testou os seus 60 itens apresentaram um escore abaixo do teste, que passou pelo crivo de análises psicométricas por meio da Teoria de Resposta do Item (TRI).

Além do TNVRI, o laboratório disponibiliza ainda o Teste Não-Verbal de Raciocínio para Adultos (TNVRA); Bateria de Raciocínio Diferencial (BRD), que mede o raciocínio abstrato, verbal, espacial, numérico e mecânico. Este teste ainda está em andamento e é a adaptação de um trabalho desenvolvido em Portugal. Acrescentem-se a isso várias publicações dirigidas a profissionais da área como *Psicometria: Teoria e Aplicações*, do professor Luiz Pasquali; *Teoria e Métodos de Medida em Ciências do Comportamento*.

E três ainda em andamento: *Análise Fatorial: Manual Técnico e Prático para Pesquisadores*; *Elaboração de Instrumento de Avaliação Psicológica e Delineamento de Pesquisa Científica*. Pasquali informa que todas as publicações podem ser encontradas na editora e livraria Casa do Psicólogo, em São Paulo.

Mas o LabPAM tem muito mais a oferecer no campo da investigação científica em avaliação psicológica. Aliás, criado em 1987, este laboratório do Instituto de Psicologia pode ser considerado pioneiro no desenvolvimento de tecnologia e validação de testes no Brasil. "Até 1987 se traduziam os testes e não se faziam adaptações às condições brasileiras", observou Pasquali.

Segundo ele, o laboratório do Instituto de Psicologia só trabalha com testes objetivos, por enquanto. E explica: "Eles são os mais mal tratados no País, que não se preocupa em demonstrar se determinado teste funciona aqui." E embora sustente que a UnB vai indo bem no ensino de Psicologia, admite que "essa tecnologia ainda está



incipiente no Brasil". E põe o dedo na ferida: "A falha principal está nas universidades que não oferecem aos profissionais as tecnologias científicas atuais na área".

Pasquali anuncia que, para manter a vigilância sobre a qualidade do instrumental disponível, foi criado o Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia (IBAPP), que funciona na UnB sob seu comando. O objetivo, diz ele, "é trabalhar em pesquisa de instrumental e avaliação psicológica em nível nacional".

Agora, os grandes projetos que o LabPAM vem tocando são pesquisas de validação de instrumentos psicológicos e o Programa de Avaliação Educacional (PROAV). Pasquali adianta que esse último faz parte de um convênio de quatro anos com o Ministério da Educação (MEC), por meio de financiamento do Banco Mundial (Bird) da ordem de US\$ 239 mil, com contrapartida de 50% desse valor do MEC, em forma de bolsas para especialistas. Esse trabalho vai verificar a qualidade dos instrumentos de avaliação de desempenho do ensino de 1º e 2º graus no Brasil.

O que o LabPAM tem a oferecer

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- Instrumentos validados
- Artigos e livros publicados
- Pesquisas
- Banco de Dados e de itens

LINHAS DE PESQUISA

- Criação de instrumental psicológico
- Validação de instrumental psicológico
- Informatização de testes
- Testes e sistemas especialistas

CONSULTORIA

Assessoria técnico-científica de recursos humanos em avaliação, diagnóstico e prognóstico para:

- Instituições de ensino
- Empresas
- Órgãos públicos
- Indústrias

INTERCÂMBIO CIENTÍFICO

- International Test Commission - ITC
- Amérique Latine Formation Académique - ALFA

- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP
- Universidade do Minho, Braga, Portugal
- Universidade de Salamanca, Espanha
- Universidade de Groningen, Holanda
- Universidade Federal de Buenos Aires, Argentina
- Universidade de Córdoba, Argentina
- Universidade Católica Argentina, Mendoza, Argentina
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza
- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa
- Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP
- Faculdades Salesianas de Lorena, SP
- Universidade de Taubaté, SP

Serviço - Para entrar em contato com a equipe do professor Pasquali, ligue para: (061) 307-2526, ramais 208 ou 612.

A invenção

É necessário buscar destino

O Decanato de Extensão, da Universidade de Brasília, reuniu no dia 22 de abril, no Auditório Dois Candangos, às 10h, professores e representantes de órgãos e entidades públicos para a abertura oficial das comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil. "Cada povo é quem escreve sua história, e é importante refletir sobre o que poderemos fazer para reescrever a história do nosso País", declarou o reitor Lauro Morhy, durante a solenidade.

Segundo Lauro Moreira, representante da Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimento do Brasil, do Ministério das Relações Exteriores (MRE), a UnB é uma instituição modelo dentro do projeto. A soma de trabalhos que a mesma vem desenvolvendo já chega a 61 e, segundo a decana de Extensão, Dóris Santos de Faria, até o final do ano esse número deverá chegar a cem. "É necessário apontar futuro, buscar destino, refletir e produzir sobre a construção do País", afirmou a decana.



Faria, Rasquilho, Moreira, Morhy, Murtinho, Terena e Cervo (e/d)

Tolerância - Para pensar profundamente o passado e o futuro do Brasil, o historiador Amado Cervo, do Departamento de História da UnB, teve como princípio a análise de duas obras, *A construção do Brasil*, do português Jorge Couto, e *500 anos de periferia*, de Samuel Pinheiro Guimarães. Ele deixou as seguintes questões para serem refletidas durante o centenário: o que somos, fizemos, e o que é ser brasileiro; e o que não conseguimos, não realizamos e quais as nossas aspirações.

Cervo afirmou que a sociedade é o grande valor do País, o tempero de todos os valores morais e éticos de nossa cultura. O hábito de conviver com as diferenças e a herança européia do humanismo nos deixaram marcados pela tolerância, que vem se mantendo através do tempo. "Nenhuma sociedade se equipara à brasileira, nesse aspecto, e pouco se escreve sobre isso." Quanto à questão do desenvolvimento econômico, ele observou que o Brasil está aprofundando o traço de país periférico, "andando para trás", pois rompeu com o ciclo de desenvolvimento. "É lastimável ver o Brasil transferindo rendas, pagando juros e jogando dinheiro no ralo da espoliação financeira."

Resgate - Marcos Terena, coordenador-geral de Defesa dos Direitos Humanos, da Fundação

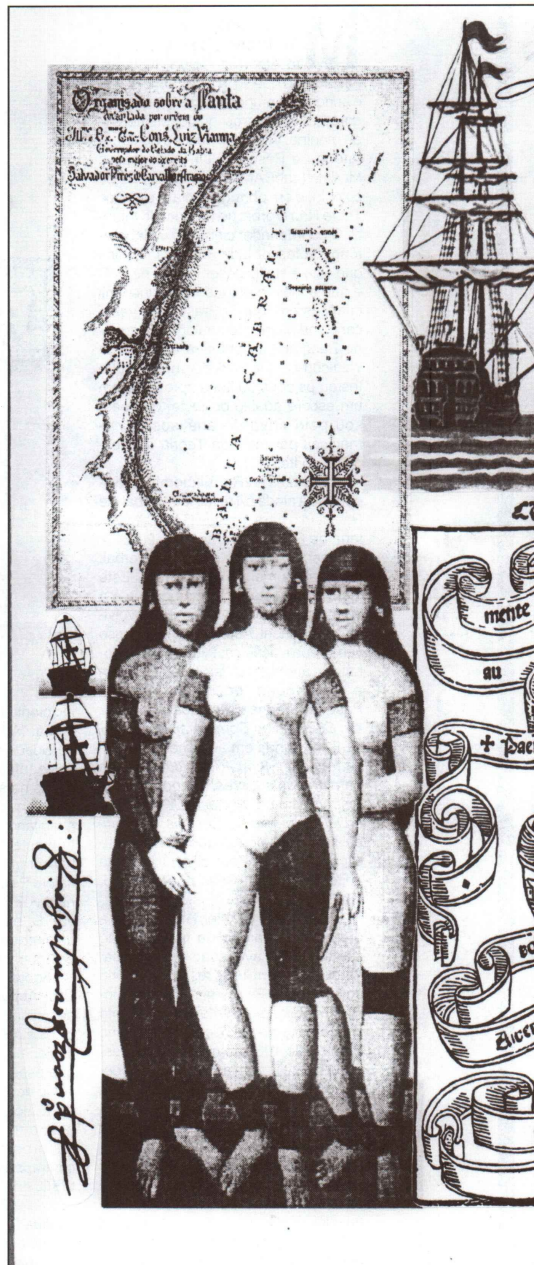
Nacional do Índio (Funai), lembrou que, desde a década de 1970, a UnB é grande aliada dos índios na defesa de seus direitos. "aqui podemos recostar nossas cabeças". Terena vê a sociedade brasileira muito desmobilizada, e portanto acredita ser esse um momento ideal para o despertar de uma nova consciência, para a abertura de outros caminhos. "Vamos aproveitar o gancho dos 500 anos para resgatar nossa identidade com o Brasil, que aos poucos está nos escapando."

O presidente do Instituto Camões, Rui Rasquilho, assinalou que a história dos povos não é muito diferente, apenas há países mais velhos e outros mais modernos. "A dificuldade que uma sociedade encontra em ser laica, democrática, é porque se exige dos seus

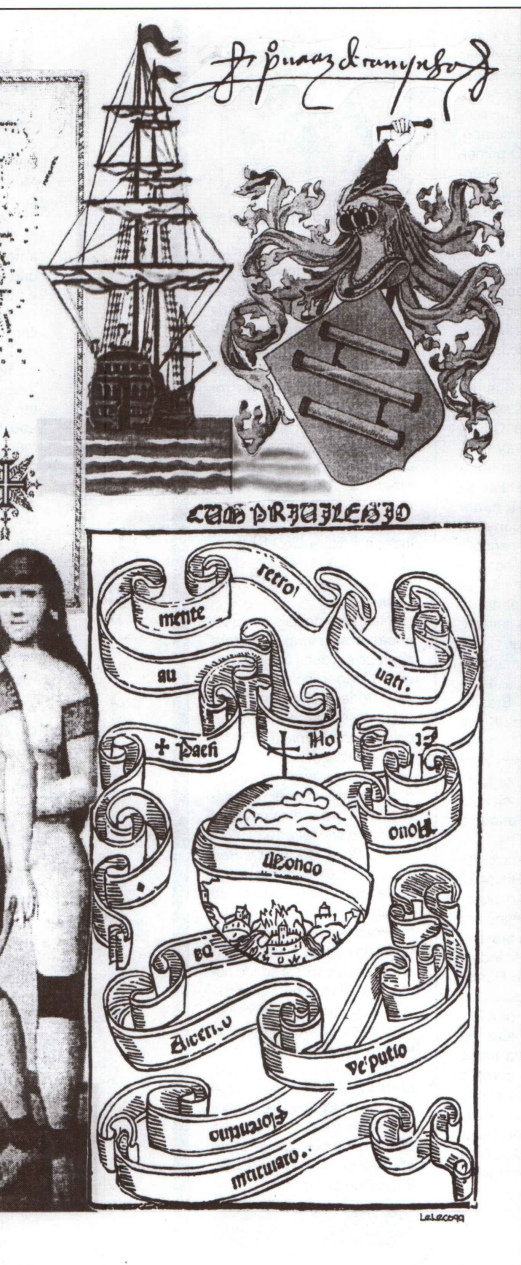
cidadãos um exercício diário, permanente." O embaixador Wladimir Murtinho, representante do Ministério da Cultura, afirmou que o Minc está demonstrando interesse em abordar todos os temas de importância para a Nação, desde as questões indígenas e afro-brasileiras, até a criação de projetos para os setores acadêmico e cultural.

Lauro Moreira, do Ministério das Relações Exteriores, salientou que a festa e as celebrações não são os interesses principais da Comissão, mas sim a proposta para a reflexão. "A sociedade deverá refletir, em conjunto com as instituições, sobre sua formação, o que foi feito nestes 500 anos e o que pretendemos fazer daqui para a frente."

Serviço - Os projetos que o DEX vem desenvolvendo para a comemoração do aniversário dos 500 anos do descobrimento do Brasil estão centrados nas áreas das Ciências da Terra e da Vida; das Ciências Humanas; da Linguística, Letras e Artes; das Ciências da Saúde e das Ciências Exatas (Informática e Engenharia). Eis alguns dos temas a serem discutidos, brevemente: Globalização e inserção da cultura negra, em maio; Raízes do pensamento nacional, em junho; e a Construção da latindade sul-americana, em julho.



ção do Brasil



Uma língua, dez povos



Ensaio da Cantata dos Dez Povos

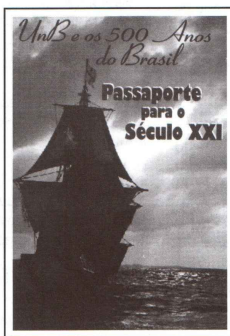
Uma homenagem à língua que nos une, nós, dez povos de língua portuguesa. Assim pode ser definida a *Cantata dos dez povos*, do maestro e professor da UnB Jorge Antunes, cuja estréia mundial foi dia 27 de abril, às 21 horas, na Salla Villa-Lobos do Teatro Nacional. O concerto abriu oficialmente o *Ano de Festejos dos 500 anos do Brasil*.

Jorge Antunes trabalhou dez meses em sua mais longa composição musical coral-

sinfônica, encomendada pelo Decanato de Extensão da UnB. A *Cantata* integra a programação oficial da *Comissão Nacional do V Centenário*. A obra musical tem 70 minutos de duração, sem pausas, num único movimento. Antunes utiliza textos de escritores de Portugal, Brasil, Macau, Goa, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola e Timor Leste. Um texto do século XVI, de autoria de Damião de Góis, é dividido em quatro partes para pontuar cronologicamente a narrativa musical não-linear. O texto em português arcaico, interpretado por um ator português, é extraído da *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Emanuel, parte I, Cap. LV*.

Os poemas dos dez povos lusófonos são usados nas partes cantadas dos solistas e do coro, enquanto outros são interpretados pelos declamadores. Estes são dez, cada um proveniente da respectiva região, com seu sotaque específico. Os textos foram compilados por Antunes, após pesquisas nas principais bibliotecas de Brasília.

Passaporte para o século XXI



É uma agenda criada pelo Decanato de Extensão para ser distribuída como brinde a possíveis doadores de recursos financeiros, pessoas físicas ou jurídicas, no período de abril de 1999 a abril de 2001. Todos os eventos da programação de "A UnB e os 500 anos do Brasil" serão registrados na mesma, de modo que, ao ser encerrado o programa, cada participante saiba exatamente a que evento compareceu.

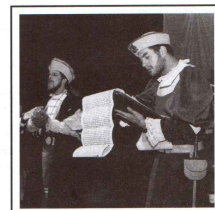
Três premiações estão previstas para estes dois anos:

- 1) O sorteio de um kit completo dos produtos produzidos pelo programa (livros e Cds) para um dos doadores, na data do encerramento, em 22 de abril de 2001;
- 2) sorteio dos nomes de dez doadores, sendo vencedor o que, dentre eles, tiver feito a maior doação. Também na data de encerramento do programa;
- 3) e o sorteio de um dos eventos oficiais, e, dentre os participantes que comprovarem, no prazo estipulado, sua presença registrada na agenda, o que tiver mais eventos registrados, ganhará uma viagem e estada em Porto Seguro.

O Decanato de Extensão da UnB promoveu apresentação do espetáculo teatral *Auto do Descobrimento*, montado por alunos e professores da Universidade Estadual de Santa Cruz, do Sul da Bahia. A peça foi escrita pelo poeta Jorge de Souza Araujo, dirigida pelo professor Ramayana Vargens e conta com a participação de 35 alunos e professores.

"Terra vestida em sol, iluminada
cuida de teus filhos e mais amparada
serás de paz, riqueza e alegrias."

Jorge de Souza Araujo



O gigante desconhecido

Professor italiano de Língua e Literatura brasileira mostra a construção da imagem do País na Itália



Professor Avella: a construção da imagem do Brasil na Itália

Clássicos italianos passarão a enriquecer a Biblioteca da Universidade de Brasília. O embaixador da Itália, Michelangelo Jacobucci, ofereceu à UnB, dia 26 de abril, uma coleção de livros italianos, como demonstração da proximidade entre os dois países, as duas culturas. O professor das Universidades de Roma "Tor Vergata" e Pescara, Aniello Angelo Avella, falou sobre os 500 anos dessa relação.

O reitor Lauro Morhy agradeceu a doação, ressaltando que "uma verdadeira universidade é uma biblioteca cercada de estudiosos por todos os lados". E lembrou que a cultura italiana é uma das raízes do povo brasileiro.

Para o embaixador Jacobucci, os italianos no Brasil "se sentem muito à vontade". Ele destacou que em Brasília, cidade pluralista e multicultural, esse "sentir-se em casa" é ainda mais forte. Segundo ele, a UnB representa muito bem a capital, por seu dinamismo, por suas iniciativas.

A assessora de Assuntos Internacionais, professora Lia Zanotta, apresentou o professor Avella, que tem no currículo a tentativa de levar as literaturas brasileira e portuguesa ao conhecimento do povo italiano, de Machado de Assis a José Saramago.

Imagens, estereótipos - O conferencista mostrou como as imagens do Brasil foram se sedimentando na Itália. Atualmente, percebe um esforço do público e das instituições italianas para que essas imagens sejam cada vez mais corretas, mais precisas. Mas nem sempre foi assim...

O primeiro impacto do Brasil na cultura italiana foi ainda em 1500. Relatos de viagens e cartas de viajantes - como as de Américo Vespuccio - mostravam um novo mundo, fantástico, exuberante. Mas o interesse durou pouco e as informações foram se tornando mais escassas, chegando sobretudo dos jesuítas. O professor Avella atribui esse desinteresse gradativo, ao longo do século XVI, a vários fatores. "Era um sintoma do mal-estar das mentes da Península, pois muitos literatos, diante da confusão e do atraso econômico, refugiaram-se na exaltação dos valores italianos, criticando tudo o que era considerado primitivo". Curiosamente, no mesmo período, a França passava por uma situação contrária, com seus intelectuais valorizando o retorno ao Estado natural.

Mas a falta de interesse pelo Brasil, na Itália do início do século XVII, também pode ser atribuída a um espanholismo crescente e à queda do império português. "Portugal deixava de ser importante no cenário mundial e o Brasil, por decorrência, também." Historiadores italianos do período valorizavam os impérios do México e do Peru, as figuras de incas e maias.

Sintoma desse "espanholismo" no pensamento historiográfico italiano foi um livro do filósofo Campanella, em que se criava uma utopia de reino universal no qual todos os súditos tinham direitos iguais. O modelo desse reino? A Espanha.

A ocupação holandesa em Pernambuco, no século XVII, teve um impacto mínimo na Itália. As informações que chegavam eram sobretudo espanholas, redigidas por jesuítas espanhóis, com interpretações espanholas.

No século XVIII, é publicado um "Dicionário Geográfico da América Meridional", na Itália, com o objetivo de usar critérios mais racionais de estudo da América Meridional. As boas intenções são evidentes, mas os resultados... Entre alguns erros do *Dicionário*, destacavam-se as informações de que o Brasil foi descoberto por um espanhol e que Pedro Álvares Cabral somente teria chegado aqui em 1502.

No século XIX, muita coisa mudou, sobretudo pelo casamento de D. Pedro II com a Imperatriz Tereza Cristina, irmã do Rei de Nápoles. Retratada pela historiografia brasileira como a "imperatriz silenciosa" ou a "mãe dos brasileiros", novos estudos mostram que ela não era tão ignorante ou tão

subalterna assim. Favoreceu a circulação de poetas, artistas e intelectuais italianos no País, formando no Brasil uma idéia da Itália, antes mesmo de ela existir, de fato, já que sua unificação é um processo lento e demorado, somente concluído em 1870. O primeiro Estado a reconhecer a independência do Brasil foi o de Duas Sicílias.

A chegada de grandes levas de italianos ao País marcou o século XIX. Mas os intelectuais da Península pouco falavam dos países de emigração como Argentina e Brasil, preocupando-se sobretudo com as condições da Itália. Eram produzidos vários livretos, com pouco significado científico, para orientar os emigrantes.

No século XX, sobretudo nas décadas de 30 e 40, vários livros sobre o Brasil são publicados na Itália. O Brasil é visto como um gigante adormecido, o país do futuro, a terra das oportunidades e do dinheiro fácil. Há ainda uma publicação, de um historiador napolitano, na década de 30, contrária à visão hispanocêntrica, colocando o Brasil como epicentro da América Latina. Claro que o historiador não se esquece de atribuir grande parte do sucesso do Brasil à presença italiana, citando figuras como Garibaldi.

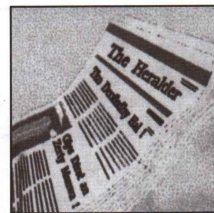
Nos anos 50, há uma retomada da imigração italiana. Na Península, difundem-se alguns mitos, de que Brasília é um milagre e o presidente JK um "santo". No final dos anos 60 foi publicada *Raízes do Brasil*, do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, seguida de outras obras de interesse científico, por autores como Celso Furtado e Gilberto Freyre.

"A Literatura, desde a década de 70, tem avançado em relação à História." Devido a pensadores como o poeta Giuseppe Ungaretti, que lecionou em São Paulo e levou a literatura brasileira à Itália, e o poeta Murilo Mendes, professor na Universidade de Roma, autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, os poetas mineiros e Rubem Fonseca foram e são lidos na Península. E embora a mídia ainda explore a imagem do Brasil como o país do Carnaval, do samba e das mulatas, o público e os intelectuais querem saber mais. Querem entender essa complexidade do *homo brasiliacus* tão bem definida por Murilo Mendes:

"Ontem sou
Hoje serei
Amanhã fui"



EDITORA



Presença na Mídia

No último dia 11 de abril, a editora UnB foi notícia no jornal *Folha de S.Paulo*, no caderno *Mais*, em uma matéria sobre os **100 melhores livros de não-ficção do século e as 30 principais obras teóricas brasileiras de todos os tempos**.

A Editora UnB aparece entre os dez primeiros lugares com a obra *Economia e sociedade*, de Max Weber, cujo segundo volume será publicado em junho próximo e no 51º lugar a Editora UnB também surge com a obra *Ciência e a hipótese*, de autoria de Henri Poincaré.

Nas 30 principais obras teóricas brasileiras, a Editora aparece em duas colocações: em 17º lugar, com *Capítulos da história colonial*, de Capistrano de Abreu, e 23º lugar, com *Minha formação*, de Joaquim Nabuco.

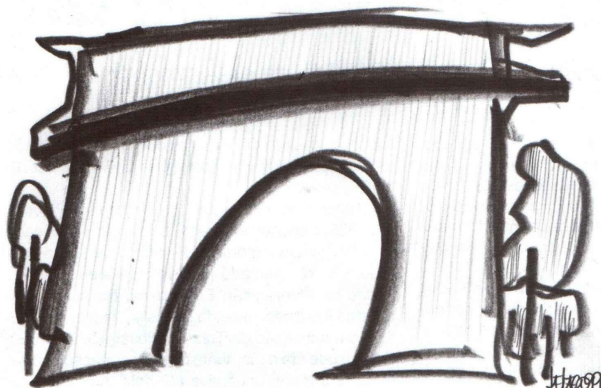
Dentre os livros mais vendidos, os três primeiros lugares são brasileiros: *Casa Grande e senzala*, 1933, *Raízes do Brasil*, 1936 e *Os Serfões*, 1902, estas obras fazem parte da coleção Biblioteca Básica Brasileira, e foram publicadas pela Editora UnB no início dos anos 60.

Além disso, está sendo homenageada também com o livro *A Cultura brasileira* em uma exposição sobre "os livros do século", a ser apresentada em espaço nobre, durante o Salão Internacional do Livro de São Paulo, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, no período de 21 de abril a 2 de maio de 1999, no Expo Center Norte.

E-mail: editora@unb.br

Oui: a UnB fala francês

Curso de francês com objetivos específicos será criado no Departamento de Línguas e Tradução



Um convênio assinado entre a Embaixada da França e a Universidade de Brasília vai permitir que, a partir do próximo semestre, a Universidade introduza, no Departamento de Línguas e Tradução (LET), o ensino da língua francesa com objetivos específicos. "Ele será volta-

do para as pessoas que já tenham um conhecimento básico de francês e desejam aprender a linguagem específica na área", avisa Germana Henriques Pereira de Souza, professora do LET.

O convênio será coordenado, na UnB, pela Assessoria de Assuntos Internacionais (INT), e na Embaixada,

pelo Serviço Cultural, Científico e de Cooperação. A princípio, ele será ministrado na modalidade de extensão. A UnB foi a quinta universidade brasileira a assinar o convênio. Nessa primeira fase, ela optou pela especialização do francês na área de Negócios - devido à grande expansão do Distrito Federal nesse campo.

Multiplicação - Germana de Souza será a primeira professora da UnB a receber treinamento, na França. De 28 de junho a 9 de julho próximos, ela vai permanecer na Câmara de Comércio e Indústria de Paris (CCIP) adquirindo conhecimentos que serão transmitidos a seus colegas do LET. Ela terá um papel multiplicador na instrução de formadores. "Não vou ensinar apenas o francês utilizado no ramo dos negócios, mas também vou ensinar como se comunicar no mundo dos negócios."

Durante um mês, os professores terão à disposição uma biblioteca itinerante - o mês estipulado estará de acordo com um calendário de itinerân-

cia, determinado entre as partes envolvidas. Está prevista a vinda de um especialista francês, que dará treinamento aos professores envolvidos no curso.

Serviço - O convênio foi assinado no dia 15 de março, às 17h30, no salão nobre da Reitoria, durante a realização da Semana da Francofonia. Compareceram o reitor da UnB, Lauro Morhy, o embaixador da França no Brasil, Philippe Lecourtier, a diretora da INT, Lia Zanotta, o adido de Cooperação Educativa da Embaixada da França, Jean-Paul Lefèvre, a conselheira cultural da Embaixada da França, Corinne Breuzé, o diretor do Instituto de Letras (ILD), Henryk Sievierski, a chefe do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula (LIV), Enilde Faulstich, o diretor do Departamento de Teoria Literária e Literatura (TEL), João Vianney, e a professora do LET, Germana Henriques Pereira de Souza. Os telefones do ILD são (061) 307-2359 e 307-2360.

Bate, coração!!!

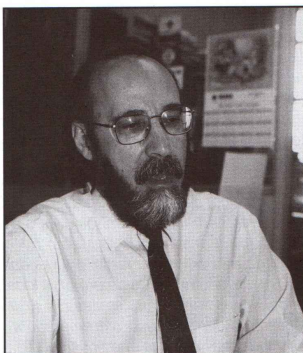
O professor Luiz Fernando Junqueira Jr., do Departamento de Clínica Médica/Cardiologia, da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília, foi escolhido como um dos 2.000 cientistas de destaque do século 20, por sua contribuição na área da Cardiologia e da Fisiologia Cardiovascular. O prêmio foi concedido pelo *International Biographical Center (IBC)*, de Cambridge, na Inglaterra, que é um centro internacional de bibliografia.

Para o professor Junqueira, sua premiação pelo IBC como um dos 2.000 cientistas de destaque do século 20 deve-se aos seus estudos e pesquisas sobre o controle nervoso do coração em animais e homens normais, atletas e com diferentes doenças, como hipertensão arterial, diabetes, doença de Chagas, doenças coronarianas e outras. Estes trabalhos foram desenvolvidos em duas etapas, a primeira na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, e na Universidade de Brasília.

Pesquisas - Na primeira fase, realizou estudos sobre a fisiologia da regulação da pressão arterial e da frequência cardíaca em animais normais,

hipertensão arterial e estudos do coração na doença de Chagas, ampliando-os quando veio para a UnB, em 1979. Realizou também pesquisas sobre a doença de Chagas experimental em animais, desenvolvendo o modelo da enfermidade em ratos, permitindo acompanhar aspectos que não podiam ser vistos no homem.

Outro trabalho de destaque foi o desenvolvimento de sistema de *software* para analisar o controle da frequência cardíaca. Esta foi uma pesquisa inédita no País, realizada com a participação de professores e alunos de pós-graduação da Medicina e da Engenharia Elétrica. O trabalho representou uma importante contribuição no estudo da hipertensão, através do acompanhamento do funcionamento do aparelho cardiovascular durante o sono.



Junqueira: trajetória de pesquisa e ensino na UnB

Segundo o professor Luiz Fernando Junqueira Jr., os trabalhos com a doença de Chagas permitiram desenvolver métodos para estudar de maneira mais completa o coração dos doentes. Ele foi o primeiro a estabelecer a hipótese de que a morte repentina de doentes de Chagas está relacionada com alteração do controle nervoso do coração.

O professor Luiz Fernando assinou que a premiação, que inclui diploma, medalha e a publicação de livro com informações sobre suas pesquisas, representa muito, é uma honraria de valor internacional e mostra a importância do trabalho do pesquisador. Para a instituição a que o pesquisador está ligado, o prêmio representa o reconhecimento da UnB, conferindo-lhe projeção internacional por sua produção científica.

Para escolher os 2.000 cientistas de destaque do século 20 nas áreas das Ciências Naturais e Aplicadas, o IBC buscou identificar a importância e a projeção de trabalhos de pesquisa publicados internacionalmente e a relevância dos estudos como referência ou de acordo com a quantidade de citações feitas em outros trabalhos publicados em livros e periódicos de nível internacional.

Atuação - Trabalhando na UnB desde outubro de 1979, em regime de dedicação exclusiva, atuando nas áreas acadêmicas da Faculdade de Ciências da Saúde, na graduação e na pós-graduação, no Laboratório Cardiovascular e no Hospital Universitário de Brasília (HUB), o professor Luiz Fernando Junqueira Jr. tem aproximadamente 230 trabalhos, entre comunicações em congressos, livros, capítulos de livros e artigos, publicados no Brasil e no exterior. Atçou ainda como orientador de 92 alunos de graduação em Medicina, 49 alunos de Iniciação Científica, nove estagiários de pós-graduação e em 12 teses de mestrado nas áreas de Medicina e Engenharia Elétrica.

O Brasil tem saída: crescer sem destruir

No ecodesenvolvimento, possibilidades de crescimento do País

Montagem: Rosembergue Queles



O economista polonês, Ignacy Sachs, acredita no Brasil. Diretor do *Centro de Estudos Brasil Contemporâneo*, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, e criador do termo ecodesenvolvimento — assumido, posteriormente, pela Organização das Nações Unidas (ONU) como desenvolvimento sustentável —, Sachs esteve no Auditório da Reitoria, da UnB, dia 15 de abril, às 17h, para ministrar aula magna.

“Emprego: desafios para o século XXI” foi o tema abordado pelo professor, que veio a Brasília a convite do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), da UnB. “O mercado como um todo emprega apenas um terço da população de empregados mundiais. Isso é um escândalo, um fracasso do liberalismo econômico”, declarou.

Conselhos - Sachs reconhece ser bastante crítico o período que o Brasil atravessa, mas vê nele um país com todas as chances de dar a volta por cima. “O importante é adotar algumas condições”, frisou, e apontou algumas saídas para o Brasil descobrir suas potencialidades de gerar emprego: o desenvolvimento urbano, acompanhado do investimento na agricultura familiar, com um efeito multiplicador por bens e serviços; o bom aproveitamento dos recursos — conservando água, energia e transformação dos resíduos; a busca cautelosa de novas formas de crédito; a adoção do mutirão habitacional assistido (a auto-construção), que não requer nenhum insumo importado; o emprego de tecnologia na infra-estrutura das obras públicas, e o investimento na área de serviços sociais. “É preciso demolir a teoria de que para investir em serviços sociais é necessário esperar que os países fiquem mais ricos.”

“É bom cair na real, e deixar de ver tudo azul”, foi assim que Sachs criticou a euforia do Governo e do mercado brasileiros com a retomada do fluxo de dólares na economia, por aplicadores estrangeiros. Ele afirmou que o Brasil deve começar a repensar fortemente seu desenvolvimento, evitando utilizar modelos gerais aplicados universalmente, pois as possibilidades são latentes e podem ser movimentadas. “É importante pensar de dentro para fora, e tentar descobrir onde estão os obstáculos que impedem o desenvolvimento.”

Trampolim - Ao serem detectados, os obstáculos podem ser transformados em trampolim para

outras oportunidades, defende Sachs. “O Brasil possui a maior reserva agrícola do mundo, e precisa aproveitar os recursos abundantes de terra e mão-de-obra. Anos atrás, o País promoveu o maior estrago, quando gastou capital para investir numa agricultura sem homens, substituindo-os pela máquina.”

Esse comportamento revela, aos olhos de Sachs, que o Brasil precisa aprender a administrar os próprios recursos, tendo em vista a geração de empregos. “O auto-emprego, a chance de produzir o meio de sobrevivência, é o principal objetivo do desenvolvimento.”

Responsável pela formação de uma geração de economistas e sociólogos, como o ex-governador Cristovam Buarque, de quem foi orientador na França, Ignacy Sachs aproveitou a oportunidade para frisar, entre outros aspectos, que a indústria é hoje o setor mais marcado pelo desenvolvimento sem geração de emprego e que o caminho para a construção de um novo modelo para as economias mistas exige, da sociedade, o mínimo de planejamento e o diálogo entre representantes dos setores privado, público e das economias fora do mercado. “Esses modelos têm de ser trabalhados na praxis política e

serem ajudados por cientistas políticos, por meio de estudos comparativos. Assim chegaremos a descobrir os rumos.”

O economista Ignacy Sachs nasceu na Polônia, em 1928, e chegou ao Brasil na infância. Na década de 1960, voltou a morar na Polónia, onde fez doutorado. Lá, foi orientado por Mikkaile Kaleki, um dos papas da Planificação Econômica. Passou quatro anos na Índia pesquisando dados sobre planejamento. Com a invasão da Tchecoslováquia, em 1968, decidiu que era o momento de abandonar seu país e morar em Paris, onde vive até hoje. Até 1997, era diretor do *Centro de Estudos Brasil Contemporâneo*, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, por onde passaram personalidades como o presidente Fernando Henrique Cardoso, o economista Celso Furtado e os ex-governadores Miguel Arraes e Leonel Brizola. Há dois anos, aposentado do Centro, vem com frequência ao Brasil para participar de palestras e conferências.

Serviço - O professor Ignacy Sachs contou com as presenças, à mesa, do vice-reitor da UnB, Timothy Mulholland e do diretor do CDS, Othon Leonardos.

Saiba mais:

Chamaremos de estratégias de ecodesenvolvimento aquelas que se destinam a ecozonas em particular, com vistas a: (a) fazer uso mais completo dos recursos específicos de cada ecozona, para atender às necessidades básicas de seus habitantes, salvaguardando, ao mesmo tempo, os prospectos a longo prazo, através de gestão racional desses recursos, ao invés de uma exploração destrutiva dos mesmos; (b) reduzir ao mínimo os efeitos ambientais negativos e inclusive utilizar, tanto quanto possível, os produtos de refugo para finalidades produtivas; (c) desenhar tecnologias adequadas à consecução destes objetivos.

O ecodesenvolvimento é, acima de tudo, uma abordagem que convida o planejador a mudar sua visão tradicional do processo de desenvolvimento. Nele, dá-se ênfase à diversidade de situações e, conseqüentemente, de caminhos para o desenvolvimento, às possibilidades de complementaridade entre as atividades propostas a fim de se evitar o desperdício de recursos e minimizar a perda residual gerada pelos produtos, e à necessidade de buscar-se sustentação mais firme nos esforços internos e na originalidade de projetos locais. A maior mudança ocorre no estilo tecnológico, embora o ecodesenvolvimento não se deva reduzir a esse aspecto apenas. Não se trata de limitar a área das possibilidades a um grupo extremamente reduzido de “tecnologias suaves”, não obstante possam estas ser usadas sempre que possível. Tampouco seria a questão de se rejeitarem certas tecnologias altamente capital-intensivas, quando não haja alternativas viáveis menos dispendiosas e desde que essas tecnologias promovam o ecodesenvolvimento, por terem sido elaboradas de acordo com critérios ecológicos. Em vez de se adaptar o ecossistema a tecnologias importadas, testadas em condições ecológicas e culturais diferentes e que tendam a destruir o sistema, produzindo efeitos sociais desastrosos, a ideia é a de adotar-se uma nova atitude, desenhando-se tecnologias apropriadas às condições do ambiente natural e social em que deverão ser utilizadas. Acreditamos que, por razões tanto ecológicas como sócio-econômicas, se deveria atribuir papel especial às “tecnologias combinadas”, as quais, com a contribuição catalítica das tecnologias de ponta, permitirão a continuação de atividades bastante tradicionais, baseadas no uso de recursos naturais renováveis, abrindo novos mercados para os produtos dessas atividades, aos quais serão adicionadas novas qualidades (a impregnação da madeira e o tratamento químico de fibras naturais são bons exemplos).

Ignacy Sachs

Amor e aluguel

Quinta Cênica reapresenta peça de sucesso e traz novo espetáculo

O teatro como um espaço de arte e entretenimento, mas também como um lugar para o aprendizado. É o que pretende o projeto *Quinta Cênica* com as suas produções. "É um grupo universitário com características de pesquisa e de divertimento", enfatiza Magno Assis, coordenador do projeto, desde 1996.

O espetáculo "Aluga-se", encenado sete vezes no ano passado pelo *Quinta Cênica* - uma durante o Congresso de Psicodramatistas, na sala Villa Lobos -, volta a cartaz nos próximos

dias 7, 8 e 9 de maio na Sala Martins Penna, do Teatro Nacional, e nos dias 14, 15 e 16 no Teatro da Caixa Econômica Federal. Escrito pelo professor do Instituto de Artes, Marcus Mota, e pelos atores, o texto fala da problemática de seis jovens que resolvem morar sozinhos. "É uma forma de o aluno colocar em prática, tudo o que ele aprende na aula. O contato com a plateia, a pesquisa visual, as técnicas de interpretação e de luz."

Amor - Enquanto isso, o grupo ensaia um novo espetáculo: o "Ama-se", que coloca em cena todos os atores de uma vez. De acordo com Brígida Miranda, professora do Departamento de Artes Cênicas e diretora das duas peças, a experiência com o texto anterior proporcionou ao grupo, nesse

novo trabalho, uma maior movimentação e estratégia na construção das próprias cenas e dos personagens. "Fomos buscar inspiração nas séries americanas de televisão, como *Friends* e



Magno Assis e Brígida Miranda: planos para novas peças

Louco por você. Quero que o público tenha a sensação de estar assistindo a uma gravação de uma dessas minis-séries."

Brígida Miranda acrescenta que o "Aluga-se" é dividido em quadros, onde um ou outro ator canta - só no final todos cantam juntos. Já o "Ama-se" será uma espécie de musical, onde, a todo momento, os atores tentam criar uma coreografia. "Nossa intenção é fazer o público rir, divertir-se, mas os personagens também têm suas angústias, frustrações, obsessões e opressões". O texto, como o anterior, foi escrito por Marcus Mota e elenco.

Laboratório - O *Quinta Cênica*

surgiu em 1992, sob a orientação do professor do IdA, Jesus Vivas. No início, funcionava como um programa de auditório, onde qualquer pessoa que tivesse interesse em mostrar um ato cênico podia se apresentar. É um projeto do Departamento de Artes Cênicas (CEN) com a Diretoria de Arte, Esporte e Cultura (DEA), e serve como laboratório para os alunos do CEN. "É uma aliança que vem funcionando muito bem. Entramos com a parte artística e a DEA administra e executa o resto", declarou a diretora. O "Ama-se" e o "Aluga-se" também contam com a participação de alunos dos Departamentos de Artes Vi-

compromisso com seriedade e estar dispostos a trabalhar", avisa Magno. Guta Feitosa, atriz, adorou a experiência. "É maravilhoso trabalhar com improvisação, e com o conteúdo básico do teatro." "É legal essa coisa de construir o texto juntamente com o professor", assegura Patrícia Carvalho.

Até o final do ano, o grupo pretende escrever e montar mais um espetáculo, o "Destróie-se", que completará a trilogia. "Ele será baseado na obra de Aristófanes, *As rãs*, que foi adaptado por Marcus Mota", revela Magno.

Serviço - O "Aluga-se", dirigido por Brígida Miranda, tem no elenco: Cláudia Moreira, Cristiane Rocha, Guto Viscardi, Leticia Rodrigues, Magno Assis e Suail Rodrigues.

O "Ama-se", que estréia no dia 10 de junho, às 12h30, no Anfiteatro 9, do Instituto Central de Ciências (Minhocão), conta com a mesma direção, e terá no elenco: Christiane Nuñez, Cristiane Rocha, Guilherme Júnior, Gutemara Feitosa



O elenco de "Aluga-se": dupla experiência, interpretar e escrever o roteiro

suais, de Desenho Industrial e de Música.

"A exigência mínima para o aluno do CEN é que ele tenha feito a Oficina Básica de Artes Cênicas I, os de outros cursos apenas têm de assumir o

(Guta), Leticia Rodrigues, Marcelo Augusto, Magno Assis, Yomara Anizevsky e Patrícia Carvalho.

Para falar com o *Quinta Cênica* ligue para (061) 307-2324 ou 307-2555, na DEA.

De braçada em braçada

Universidade lança as bases para apoiar nadadores nacionais

A UnB saiu várias braçadas à frente, dia 27 de abril, em um projeto inovador para a natação brasileira. É o *Programa de qualificação de atletas para a natação competitiva*.

O reitor Lauro Morhy, o professor Iran Junqueira de Castro, diretor da Faculdade de Educação Física (FEF) e outros membros do Departamento receberam Coraci Nunes, presidente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) e Magda Macha-

do, presidente da Federação Brasileira de Desportos Aquáticos para falar do *Programa*. Ele surgiu da iniciativa do nadador Fábio Costa, aluno de Educação Física da UnB, que sentiu falta de recursos e buscou ajuda junto à direção da FEF, que o apoiou.

Morhy destacou que o "grande parceiro da UnB é a sociedade, pois quando a sociedade percebe que a Universidade é um instrumento social, passa a brigar por ela". E esse programa faz

parte dessa parceria. Nunes, dirigente da CBDA há vinte anos, afirmou que é "a primeira vez que recebeu um convite no Brasil, de uma universidade pública, com proposta tão revolucionária". Pediu a Morhy que "acreditasse nessa idéia". Para Magda Machado, a UnB é uma marca. "Sua credibilidade é muito grande e vai beneficiar a natação."

O programa deverá estar implantado ao final de seis meses. O conjunto

aquático será adequado às necessidades da natação competitiva. O primeiro objetivo é que a equipe da UnB consiga bons resultados nas competições locais. Ao final de vinte e quatro meses, deverá estar afinada para o primeiro lugar em Brasília e se destacar nos eventos regionais. Em trinta e seis meses, o programa deverá torná-la a melhor da região Centro-Oeste, com alguns atletas entre os melhores do País.

Brasília, 39

Mostra resgata memórias da cidade, memórias de um sonho

No final da década de cinquenta, muitos brasileiros abandonaram seus lugares de origem e saíram em busca de um sonho, de uma utopia: a construção da nova capital do País. Um migrante que veio do Ceará sentiu que estava vivendo um momento bastante especial, histórico, e, com sensibilidade, passou a registrar na sua objetiva momentos, fatos, personalidades que marcavam o imenso canteiro de obras que dominava o Planalto Central. Hoje, Gabriel Gondim está morto, mas seu acervo sobre Brasília é um dos maiores patrimônios que alguém poderia legar a uma cidade. Aproveitando as comemorações dos 39 anos de aniversário de Brasília, a Biblioteca Central da UnB (BCE) resolveu montar uma exposição fotográfica com algumas fotos do acervo do fotógrafo.

Gondim faleceu em 1994, deprimido por não conseguir realizar seu maior sonho: o de montar um museu sobre Brasília. Um levantamento realizado em novembro de 1993, pela pesquisadora Cleusa Neves da Silva Lopes, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, demonstrou que o acervo de Gondim possui 19.334 negativos, 10.021 slides, 501 livros, 221 mapas e plantas de fazendas que foram desapropriadas para compor a nova capital, 576 revistas, além de selos, gravações em fitas cassetes, coleções de jornais, moedas, objetos pessoais do presidente Juscelino Kubitschek. "Todos mostram-se interessados, mas, infelizmente, nenhum Governo fez esforço suficiente para adquirir o acervo deixado pelo meu pai", lamenta Leo Gondim, o filho do fotógrafo, responsável pela obra.

A memória de Brasília guardada com muito zelo no quarto de um apartamento da SQS 305 Sul — a antiga residência de Gabriel Gondim —, também está impregnada nas imagens, no pensamento e nas emoções de todos que chegaram aqui, quando a cidade era apenas um grande espaço vazio repleto de obras inacabadas e com excesso de terra vermelha. É o caso de Sophia Wainer e de Joaquim Josino da Rocha.

Paixão pelo vazio - Emocionada, a jornalista Sophia Wainer chorou no avião, quando avistou as luzes de Brasília pela primeira vez. Ela vinha do Rio de Janeiro para assistir à inauguração da nova capital, a convite do jornal *Última Hora*, de propriedade do seu irmão Samuel Wainer. "Eu não tinha intenção de mudar para cá. Mas, quando acordei no dia seguinte, olhei o céu e vi aquela imensidão, me apaixonei por aquele vazio." Ela voltou ao Rio apenas para arrumar a bagagem, e acompanhada de seus dois filhos, Sylvain e Dora, chegou a Brasília, onde vive até hoje.

Sophia, que trabalhou como repórter no Palácio do Planalto durante os Governos de Juscelino Kubitschek até o do presidente Médici, lembra da conversa na calçada do Cine Brasília, após as sessões de cinema, que eram às 20h e 22h; da empolgação de Darcy Ribeiro que, de tanto entusiasmo, quase se jogou no buraco que marcava o início da construção da UnB, e da angústia permanente do povo brasileiro, nos anos que marcaram o período da ditadura militar. Para ela, o mais importante é que o sentimento de solidariedade, de fraternidade, que reinava entre a população desde os seus primeiros



Primeira visita do presidente JK à futura capital (02/10/1956)



tempos, prevalece até hoje. "Estamos ligados por um desejo de participar, de criar algo novo, pois esse é um trabalho que nunca acabou."

O piauiense Joaquim Josino da Rocha resolveu visitar um primo que morava em Brasília. Era o ano de 1963. Nunca mais voltou para o Nordeste. "Gostei tanto, que fiquei de vez." Seu primeiro emprego foi como continuou na Reitoria da UnB, depois tor-

rou-se garçom, está aposentado há nove anos, mas continua trabalhando. "Eram tempos difíceis. Fazia muito frio, a poeira era excessiva, e não havia ônibus que passasse na Universidade."

Hoje, com seis filhos, seu Joaquim diz que está tudo uma beleza. "A quadra onde moro (em Sobradinho) tem água, energia elétrica, e toda infraestrutura. A cidade está muito boa."

Um ponto de encontro

A ideia da mostra *Memórias de Brasília* foi da programadora cultural da BCE, Ana Virgínia de Araújo Queiroz. "Esse é um espaço muito consistente para desenvolver um projeto cultural", assinala.

Para o diretor da BCE, Murilo Bastos da Cunha, *Memórias* inaugura uma nova fase e o início de um novo projeto cultural na Biblioteca. "Queremos tornar o lugar mais agradável, mais dinâmico, um ponto de encontro para toda comunidade." Ele lembra que uma média de três mil pessoas passa, diariamente, pelo local. Ana Virgínia afirma que uma nova estratégia de *marketing* já começou a ser desenvolvida para dar maior visibilidade à BCE. "Estamos em busca de maior cooperação e integração com várias instituições, programando eventos, mostras de vídeos não-comerciais, entre muitas coisas." Ela ressalta que, durante este mês de abril, o Ministério da Cultura doou à BCE mais de vinte vídeos sobre arte e patrimônio histórico.

Uma exposição comemorativa do centenário de Rui Barbosa, agendada para os meses de outubro/novembro, será uma das muitas atrações oferecidas aos visitantes pela BCE, este ano. Contatos feitos por Ana Virgínia com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o Centro Cultural Banco do Brasil e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, trarão outras novidades para a Biblioteca.